

DC - Antes do silêncio... a canção

Marcos Alvito

Universidade Federal Fluminense*

Para meu pai, que adorava contar essa história.

"Perdemos o campeonato do mundo porque, dias antes, goleamos os espanhóis de uma maneira quase imoral. Tivéssemos obtido uma vitória mais sóbria e menos feérica, trucidaríamos o Uruguai com o pé nas costas."

Nelson Rodrigues



Fonte: www.copa-na-africa2010.blogspot.com, obtido em 26/06/2006

Primeira parte: o silêncio

A Copa de 1950 bem que merecia o título de mais bagunçada da História. Com os países europeus ainda se recuperando da II Guerra Mundial, apenas o Brasil apresentou candidatura para sediar a Copa. A Itália, que defenderia seu título de campeã mundial conquistado em 1938, era um país destroçado e só aceitou ir mediante o custeio

* Professor associado III da Universidade Federal Fluminense, Departamento de História

das passagens por parte da FIFA. Alemanha e Japão estavam ainda proibidos de participar. A Turquia e a Índia desistiram depois de obterem a classificação. França e Portugal, convidadas para substituí-las, declinaram do convite. No caso da França, houve uma reclamação quanto às distâncias que a seleção francesa teria que percorrer no Brasil para participar do seu grupo: teria que jogar um jogo em Porto Alegre e depois em Recife. A CBD não arredou pé e os franceses não vieram. No caso dos países britânicos, pela primeira vez eles aceitavam participar. Veio a Inglaterra para disputar seu primeiro campeonato mundial, mas os escoceses desistiram. Por conta disso, o torneio contou com 13 seleções, contra 16 do torneio anterior realizado na Itália.

A reclamação francesa procedia. Para acomodar interesses políticos, havia seis sedes, bem distantes entre si, o que obrigava a grandes deslocamentos de avião: Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Os maiores deslocamentos, diga-se de passagem, foram reservados sobretudo às outras seleções, que não o Brasil, que jogou apenas no Rio, excetuando-se uma única partida no Pacaembu, em São Paulo. A desordem se estendeu à organização das chaves: por conta das desistências houve dois grupos com 4 seleções (caso do grupo do Brasil, que nisto não foi beneficiado), um grupo com 3 seleções e o grupo do Uruguai, que contava somente com a Celeste Olímpica e a fraquíssima Bolívia (que foi eliminada com um 8x0).

Para piorar, a Copa, que devia por natureza ser disputada em um sistema de jogos eliminatórios até a final, foi planejada para ter um quadrangular final com os vencedores dos quatro grupos. Basta dizer que jamais uma copa fora disputada assim e jamais voltaria a sê-lo, o que dá uma ideia da "criatividade" dos cartolas brasileiros.

O principal estádio, construído a toque de caixa especialmente para a Copa, não fora terminado a tempo. De nada adiantou chamar os soldados do Exército para ajudar. Até mesmo no dia final ainda havia tapumes e material de construção. O estádio dava a impressão, segundo o jornalista inglês Brian Glanville, de um imenso canteiro de obras (GLANVILLE, 2001:44).



Nesta foto dá para perceber o caráter inacabado do Maracanã quando da sua inauguração
Fonte: www.copa-na-africa2010.blogspot.com , obtido em 26/06/2006

Não era exagero do ilustre jornalista inglês. O atacante brasileiro Ademir diz que ele e outros jogadores ficaram receosos quando do primeiro jogo, a partida contra o México. Não por causa do adversário, que foi batido facilmente, mas por conta da existência de andaimes no estádio, dando a impressão de uma obra em andamento com risco de desabar.

O estádio a que ele se referia e que todos nós conhecemos por Maracanã, à época era chamado de Estádio Municipal Mendes de Moraes. Fora batizado com o nome do prefeito que ordenara sua construção lutando contra a oposição ferrenha do jornalista Carlos Lacerda. Depois da derrota para o Uruguai ele nunca mais foi chamado por esse nome. Afinal, fora o prefeito que, tentando aproveitar ao máximo os dividendos políticos da sua empreitada, diante de 200 mil pessoas dirigiu-se aos jogadores

brasileiros antes da final com palavras incrivelmente arrogantes e desrespeitosas para com os uruguaios:

Vós, brasileiros, a quem eu considero os vencedores do Campeonato Mundial! Vós, jogadores, que a menos de poucas horas sereis aclamados campeões por milhões de compatriotas! Vós, que não possuís rival em todo o hemisfério! Vós, que superais qualquer outro competidor! Vós, que eu já saúdo como vencedores! (...) Cumpri minha promessa construindo este estádio. Agora, façam o seu dever, ganhando a Copa do Mundo! (PERDIGÃO, 2000:114).

Quando o jogo e o sonho de ser campeão mundial terminam em tragédia, a multidão não irá perdoar o prefeito. Depois de passado o silêncio, a torcida brasileira aplaudiu à seleção uruguaia. Ninguém saía do estádio, as pessoas pareciam paralisadas pelo choque. Mas começam a se manifestar: primeiro tocam fogo nos jornais, nesses mesmos jornais que já estampavam manchetes declarando o Brasil campeão do mundo. No dia da final o *Diário Carioca* havia afirmado com toda a empáfia, prevendo não só a vitória mas uma nova goleada brasileira:

Se os brasileiros jogarem como das outras vezes, não há dúvida, o Uruguai também será goleado. Convém não subestimar o valor do adversário. Mas também não é possível esconder o fato indiscutível. O futebol mundial tem novo senhor: chama-se Brasil o novo astro-rei do futebol. Amanhã, 200 mil pessoas assistirão à sua consagração

O jornal *O Mundo* vai além do otimismo exagerado. Publica uma foto dos onze jogadores brasileiros perfilados abaixo da manchete que dizia: “Estes são os campeões do mundo!”. Reza a lenda que o capitão do time uruguaio, Obdulio Varela, teria comprado vários exemplares e os distribuído aos jogadores, que teriam urinado sobre a manchete. Creio que o que este mito revela é a ideia de um caráter e de uma hombridade superior dos uruguaios em relação aos brasileiros.

Por exemplo, o *Anuário Esportivo de 1950* explicou a vitória uruguaia da seguinte maneira:

Os uruguaios venceram porque tiveram fibra, jogaram com o coração e souberam honrar as suas tradições de campeões do mundo. Venceram porque não se mascararam, porque deram tudo, e não apenas no final, quando as coisas já estavam pretas, como foi o caso do nosso selecionado. Venceram

porque têm 'pinta' de campeões mundiais, não sofrem de complexo de inferioridade, não se atemorizam com torcidas, mesmo quando sejam essas compostas por 200 mil pessoas. (...) E jogam um jogo viril, um jogo de homens, porque futebol é um jogo másculo, onde as amabilidades cedem, na cancha, terreno para o jogo duro

Havia um claro fundo racista embutido neste tipo de explicação. Os negros Bigode e Barbosa e o mulato Juvenal foram usados como bode expiatório da nossa derrota. Mário Filho afirma que "Os brancos do escrete brasileiro não foram acusados de nada".

Seja como for, depois dos jornais e das suas previsões virarem cinza, os torcedores brasileiros de todas as cores saem do estádio "como um batalhão de mortos vivos" (Idem, *ibidem*:213). Mas ao descer a rampa a multidão desperta e arranca furiosa o busto do prefeito Mendes de Moraes. O prefeito foi simbolicamente destituído e arremessado no rio Maracanã, que doravante daria nome ao estádio. Hoje em dia o que existe no local é a estátua do capitão de 1958, Bellini.

Em uma crônica famosa, o escritor José Lins do Rego resumiu bem o estado de espírito da nação brasileira após a fatídica derrota:

Vi um povo de cabeça baixa, de lágrimas nos olhos, sem fala, abandonar o Estádio Municipal, como se voltasse do enterro de um pai muito amado. Vi um povo derrotado, e mais que derrotado, sem esperança. Aquilo me doeu o coração. Toda a vibração dos minutos iniciais da partida reduzida a uma pobre cinza de fogo apagado. E, de repente, chegou-me a decepção maior, a idéia fixa que se grudou na minha cabeça, a idéia de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias, sempre perseguido pelo azar, pelas mesquinhas do destino. A vil tristeza de Camões, a vil tristeza dos que não tem nada a esperar, seria assim o alimento podre dos nossos corações (REGO,1950)

Segunda parte: a canção

Três dias antes do Maracanazzo, todavia, o estádio ainda era chamado de estádio municipal Mendes de Moraes e as esperanças da torcida brasileira estavam mais vivas do que nunca naquele 13 de julho de 1950. O Brasil fora campeão do seu grupo depois de bater facilmente o México (4x0), de esbarrar no "ferrolho suíço" (2x2) e de vencer

com dificuldade a ótima equipe da Iugoslávia (2x0). Estavam classificados para o quadrangular final, além dos brasileiros, a Suécia, que batera a Itália, a fortíssima Espanha, que derrotara os ingleses e o Uruguai, que como já vimos havia tido vida fácil para se classificar.

No primeiro jogo do Brasil no quadrangular, tinha ocorrido o primeiro show da seleção brasileira: 7x1 no time da Suécia, conhecido por seu forte sistema defensivo. A goleada levou ao delírio as quase 140 mil pessoas presentes. A multidão passou a agitar lenços brancos para dar adeus à seleção escandinava, devidamente despachada pelos nossos craques. Após aquela vitória incontestável, surge uma onda de euforia que encontra em Ary Barroso a melhor expressão, quando compara o ataque brasileiro a uma orquestra tocando em ritmo de samba:

- Ouça, então. Vou descrever um ataque brasileiro: a música é lenta e suave. Danilo está com a pelota. Ligeira variação. Passa a Bigode e a melodia vai num crescendo violento. A técnica de Danilo lembra Chopin, manso, doce, inspirado. Bigode é a selvagem poesia musical de Villa Lobos. Jair é Wagner, poderoso e dramático. Quando a bola está com Zizinho, é Mozart tecendo filigranas, mas se entrega a Ademir...

- Beethoven?

- Não. Nem Ligt, Strauss, Tchaikowsky ou Verdi. O futebol de Ademir é a música da terra, de ritmo marcante e beleza inconfundível. Que faz Ademir a caminho do arco senão passes do mais puro samba, da mais brasileira das capoeiras, e se dribla, é maxixe autêntico, é jongo, é o frevo de sua terra pernambucana. Um estrangeiro disse que o selecionado do Brasil é uma orquestra afinada. Acrescente-se que sob a batuta de Ademir é uma orquestra tocando em ritmo de samba (NASSER,1950).

Se Ary Barroso era um exaltado patriota e um torcedor fanático, mesmo analistas equilibrados se maravilharam diante do desempenho da seleção brasileira. O respeitadíssimo jornalista inglês Brian Glanville avaliou o desempenho brasileiro como um futebol do futuro, "quase surrealista" (*apud* WISNIK,2008:250). O Brasil era uma equipe muito ofensiva, principalmente por conta de um trio maravilhoso: Jair (da Rosa Pinto), Zizinho e Ademir.

Ademir, que destroçou a defesa sueca marcando quatro gols, era um centroavante que combinava qualidades raras. Por um lado, era um homem-gol, com faro de artilheiro. Tinha uma enorme velocidade, sendo considerado o mais veloz do ataque brasileiro e quando arrancava para o gol sacudindo a cabeça de um jeito que lhe era peculiar as defesas tremiam. Mas também era, segundo o testemunho de Mário Filho (FILHO, 1994:114), um virtuoso, um jogador técnico e com visão de jogo. Domingos da Guia, ironizando atacantes rápidos sem muito futebol, costumava dizer que ninguém conseguia pensar a 200 quilômetros por hora. Pois Ademir conseguia.



Ademir marca mais um enquanto o goleiro, sentado no chão e um zagueiro sueco assistem sem poder fazer nada.

Fonte: <http://www.tvpe.org/noticias/cine-pendrive-relembra-ademir-menezes/> , obtido em 26/6/2012.

Jair da Rosa Pinto não tinha o esplendor físico de Ademir. Era um jogador mais cerebral, típico meio campista canhoto e habilidoso. Segundo Mário Filho, jogava sem molhar a camisa (FILHO,1994:203-4). Mas de repente dava um passe de longa distância, na justa medida, bem no pé do seu atacante. Franzino e de pernas muito finas, tinha um canhão na perna esquerda e era o rei das bolas paradas. Seu chute, além de possante, costumava tomar um efeito inesperado para desespero dos goleiros. Vale a pena ouvir Mário Filho, testemunha ocular de um gol de Jair contra o Arsenal da Inglaterra:

naquele jogo com o Arsenal ele marcou um gol de quarenta metros ou mais, batendo uma falta. A distância era tão grande que Swindin, o quíper do Arsenal, mandou que a barreira abrisse uma passagem, de lado, para o chute de Jair. Jair teria que chutar em cima dele.

E foi o que Jair fez. O chute partiu, Swindin dobrou os joelhos, curvando-se para encaixar a bola tranquilamente. A bola, porém, ao chegar a uns dois metros de Swindin, como que mudou de intenção. Desviou-se, não querendo nada com o quíper inglês, e levantou as redes com uma violência surpreendente (...) Aliás se dava isso com os chutes de Jair: eles ganhavam força na distância, como cavalos desembestados, que correm cada vez mais. Mal comparando, tinham que romper a barreira do som.

Swindin não se conformou com aquele gol. Não quis acreditar que Jair costumava fazer isso. Que as bolas, depois de chutadas por Jair, tinham desses caprichos. Perto do gol tomavam outra direção



Caricatura de Jair da Rosa Pinto e de suas "poderosas" pernas

Fonte: http://www.flickr.com/photos/fabio_nada/5334091340/in/pool-36809672@N00/, obtido em 26/6/2012

E por último, havia Zizinho, um capítulo à parte. Basta dizer que o garoto Edson Arantes do Nascimento, quando batia suas peladas com bola-de-meia, sonhava em jogar como Zizinho (e como Canhoteiro). Zizinho era o grande maestro da seleção brasileira, a alma, o cérebro, o pulmão e o coração do time. No jogo contra a Espanha ele não fez chover, é verdade, mas regeu uma exibição tão grandiosa e envolvente que levou a um verdadeiro carnaval da torcida brasileira. Jornalistas estrangeiros e brasileiros ficaram extasiados com a atuação de Zizinho contra a Espanha. No *World Sports* de Londres, Zizinho foi descrito por Willy Meisl como um gênio próximo da perfeição. Na renomada *Gazzetta Dello Sport*, de Milão, Giordano Fattori afirmava:

'No jogo Brasil vs. Espanha viu-se tudo o que se poderia imaginar teoricamente em futebol. Houve ciência, arte, balé, e até jogadas de circo. Mas, entre todos os onze jogadores dessa equipe mágica do Brasil, um estava em relevo. Era Zizinho, o mestre da esquadra. Seu futebol fazia recordar Leonardo da Vinci [...] criando obras-primas com os pés na imensa tela do gramado do Maracanã' (WISNIK,2008:251)

Em meia hora de jogo, a Fúria, como era chamada a seleção espanhola, já fora esmagada por três gols brasileiros: Ademir, Jair e Chico. Diga-se de passagem que a Espanha era a seleção que os brasileiros mais temiam dentre os adversários do quadrangular. O próprio Zizinho, com muita humildade, afirmou muitos anos depois no seu livro que a goleada sobre a Espanha fora um "acidente do futebol": "tudo nos saiu certo, todas as bolas chutadas tomaram o caminho do gol" (ZIZINHO,1985:103). Seja lá como for, o fato é que a máquina de fazer gols da seleção brasileira não parou por aí.



Zizinho, o dono da bola

Fonte: <http://oglobo.globo.com/esportes/copa2014/mat/2011/08/30/mundial-de-1950-no-brasil-viu-apogeu-de-zizinho-um-craque-completo-925248150.asp>

Começa o segundo tempo e já aos 11 minutos o Brasil faz 4x0 com Chico, depois de "preparação infernal de Ademir" segundo um dos locutores da Rádio Nacional que transmitia o jogo. Agora a multidão não se contém mais, começa a entoar olé, olé,

como se a Espanha tivesse virado um animal a ser abatido. Foi aí que um grupo de torcedores começou a cantar uma marchinha de João de Barro (Braguinha) e Alberto Ribeiro, lançada em 1938 e que já fazia parte do cancionário popular:

Eu fui às touradas em Madri
(Parará tchim bum bum bum
Parará tchim bum bum bum)
E quase não volto mais aqui-i-i
Pra ver Peri-i-i
Beijar Ceci
(Parará tchim bum bum bum
Parará tchim bum bum bum)

Eu conheci uma espanhola
Natural da Catalu-unha
Queria que eu tocasse castanhola
E pegasse o touro à u-unha
Caramba
Caracoles

Sou do samba
Não me amoles
Pro Brasil eu vou fugir
Isso é conversa mole
Para boi dormir
(Parará tchim bum bum bum
Parará tchim bum bum bum)¹

Logo o estádio inteiro, eletrizado em um verdadeiro transe futebolístico e musical, começa a cantar a plenos pulmões a alegre marchinha, com o auxílio luxoso da Charanga do Flamengo. Quem viu e ouviu aquilo, como o jornalista João Máximo, jamais esqueceu:

a multidão prolongava de tal forma o u de Catalunha e unha que se tinha a impressão de que um vento forte soprava sonoramente das arquibancadas, das gerais, das cadeiras cativas (*apud* WISNIK,2008:253).

Era como se a multidão imitasse a força da natureza, algo tão difícil de deter quanto a ofensiva brasileira. E a seleção brasileira começa a dançar-jogar conforme a

1 "Touradas em Madri" com o Trio Irakitan em 1959. Reparar no olé no final da música: http://www.youtube.com/watch?V=bro_bsxnam

música, partindo para cima dos espanhóis, totalmente atordoados com o que acontecia, tanto dentro quanto fora do campo, como relata Jô Soares, que assistiu o jogo com 12 anos de idade:

A gente sentia que os espanhóis não conheciam a letra, mas entendiam o espírito da coisa, já que era uma marchinha com sabor de música espanhola que nós todos estávamos cantando, e o OLÉ eles entendiam direitinho. Aliás, era um OLÉ bem diferente do OLÉ atual, porque no OLÉ atual a bola passa de pé em pé, não necessariamente com objetividade. É apenas uma demonstração de domínio da bola, mas aquele OLÉ era assim de passe a gol, era um OLÉ pra frente, assim: OLÉ, OLÉ, GOL! Ficava uma impressão de magia, como se o Maracanã tivesse se transformado numa plaza onde onze toureiros brasileiros matavam o touro espanhol dentro do gol (Jô Soares *In: NOGUEIRA, 1994:63 e 65*).

Braguinha, um dos autores da música, estava presente ao estádio e ficou totalmente emocionado com o espetáculo:

"Havia 200 mil pessoas agitando lenços brancos e cantando 'Touradas em Madri'. Só havia uma pessoa que estava calada, porque estava com a voz travada na garganta e algumas lágrimas nos olhos. Era eu. Era a única pessoa que não cantava." (Braguinha no Globo Repórter²)

Reza a lenda que por conta deste comportamento o franzino compositor quase apanhou. Ao vê-lo chorar um sujeito grandalhão que estava por ali fez cara de poucos amigos e desabafou:

"Putá que pariu, com tanto lugar no estádio e essa porra de espanhol vai sentar logo perto de mim?"



O desespero de Antonio Ramallets, goleiro espanhol, ao sofrer mais um gol brasileiro.

Fonte: <http://pt.fifa.com/worldcup/archive/edition=7/photo/photolist.html#512307> , obtida em 20/6/2012.

2 *Globo Repórter - Copa de 50: o dia em que o Brasil Chorou*, parcialmente disponível na Internet: <http://www.youtube.com/watch?v=Ebc2iYV1iyI> , obtido no dia 18-06-2012

A festa prosseguiu com Ademir fazendo 5x0 apenas dois minutos depois do gol de Chico. E começam os lenços brancos com a torcida inteira cantando "Está chegando a hora" para os espanhóis, o que comove até mesmo os locutores da Rádio Nacional: "espetáculo emocionantíssimo dos lenços brancos: mais de 150 mil pessoas com lenços brancos em punho acenando para os espanhóis". Naquela época o jogo era narrado por dois locutores: quando a bola estava de um lado do campo narrava Antônio Cordeiro, ao passar a linha central Jorge Curi assumia a narração. Depois do quinto gol, um deles desabafa, chutando para escanteio nosso "complexo de vira-lata":

não exageramos dizendo que a essa hora a seleção brasileira assombra o mundo, derrubando todos os tabus e todas as tradições do futebol europeu com as suas jogadas desconcertantes e a sua classe indiscutível

Como que a exemplificar isso, já no finalzinho de jogo o locutor descreve com indisfarçável e crescente prazer o duelo entre Jair da Rosa Pinto e o um jogador espanhol:

Jair faz que vai mas não vai... driblou com o corpo a Basora duas vezes, driblou... chegou a cair, rapaz.

Aos vinte e cinco minutos do 2o. tempo, Zizinho marca o sexto gol brasileiro, coroando sua grande atuação. Poucos minutos depois a Espanha faz seu gol de honra para fechar aquilo que seria o placar definitivo, Brasil 6x1.³ Em seguida, vem um momento de calma, de relaxamento natural, em que o Brasil passa a tocar a bola para o tempo passar. O locutor não deixa de insinuar até um esboço de crítica àquilo que em futebolês é chamado de "salto alto":

os jogadores brasileiros estão agora com a preocupação da classe. Abandonaram a ambição de marcar para fazer exibição.

O narrador da partida parece que tinha razão, pelo que se pode depreender de um lance em que um jogador brasileiro, aparentemente sem necessidade, dá um balãozinho

³ Os gols brasileiros podem ser vistos aqui, apesar dos erros de informação:
<http://www.youtube.com/watch?v=esy9N7dN7eU>

em um espanhol, que segundo o locutor da Rádio Nacional, fica "batido moral e tecnicamente".

Faltando um minuto para terminar, já era carnaval para a torcida brasileira: espocavam fogos de artifício, soltavam-se balões (a Copa foi disputada à época das festas juninas), acenavam-se freneticamente os famosos lenços brancos e, por fim, voltavam todos a cantar "Touradas em Madri". Os experimentados locutores perdem a linha:

A fanfarra da torcida brasileira já está se fazendo ouvir nas tribunas do estádio... Nota sensacional da torcida brasileira cantando Agarrei o touro à unha (sic), risos, risos, a bola vai para Jair, risos.

O narrador tenta se controlar, mas não consegue: "Vai levando Gainza ao som da marcha dos toureiros", diz a segurar claramente o riso. Ao fundo, na gravação hoje preservada no Museu da Imagem e do Som no Rio de Janeiro, ouve-se a multidão cantando, feito um mar de vozes ressoando como ondas. Em um trecho distingue-se claramente "para boi dormir". Ao apito final, o locutor deixa escapar uma nota de ironia: "termina o jogo com vitória dos brasileiros por meia dúzia a um".

Esta vitória espetacular e inesquecível três dias antes do último jogo com o Uruguai, é vista por muitos como a causa da nossa derrota para a Celeste Olímpica. Como já vimos na epígrafe, Nelson Rodrigues considerou a vitória sobre a Espanha como "quase imoral" e "feérica" e atribui a ela a grande tragédia do 16 de julho. Seu irmão Mário Filho era da mesma opinião: achava que o resultado contra a Espanha fora "uma vitória falsa" (RODRIGUES,1993:27) e que iludidos passamos a pensar "que o escrete das 'Touradas de Madri' não podia perder para nenhum outro' (FILHO, 1994:206). Diz que a torcida brasileira foi para o jogo contra o Uruguai não para ver uma partida de futebol, mas sim para participar do maior carnaval da História. Muitos anos depois, José Miguel Wisnik iria retomar estas interpretações e aprofundá-las em

uma chave psicanalítica. Para resumir aqui uma análise bela e complexa, pode-se dizer que para ele o massacre sobre a Espanha:

confirmava, num crescendo carnavalesco, a sensação de dominar a realidade sob a espécie do lúdico, de transformar a vida em jogo e de encontrar por essa via congenial um lugar próprio e original no mundo (WISNIK,2008:249-250).

Nesta interpretação, entende-se melhor a questão da derrubada de "todos os tabus" na fala do locutor da Rádio Nacional. Wisnik fala de "transe uníssono de massa, embriagada pela sensação de potência", para quem "a realidade está rendida definitivamente ao prazer". Mas é lógico que é um sonho impossível, um momento fugaz. Logo o "princípio de realidade" irá se impor, logo chegará a hora de "pegar o touro à unha", coisa que o brasileiro da marchinha se recusa a fazer, desistindo da espanhola, da Catalunha e das touradas. Já o time uruguaio não teve moleza depois da Bolívia: conquistou uma vitória suada e de virada sobre a Suécia e só conseguiu empatar com a Espanha no último minuto. Eles estavam com os pés no chão.

Meu pai adorava contar a história da vitória sobre a Espanha e se alegrava cada vez que o fazia. Contava também a história da tragédia de 16 de julho, que ele também vivenciou no Maracanã. Não dava detalhes do jogo, não comentava atuações individuais, falava somente de uma coisa: do silêncio ensurdecedor que tomou conta da torcida brasileira. Ao contrário das análises dos especialistas e dos sábios, para os quais a vitória sobre a Espanha selou nossa derrota diante do Uruguai, permita-se a este modesto escriba discordar. A vida é vivida aqui e agora. Naquele momento, mas apenas naquele momento, para a multidão enlouquecida de alegria, o Brasil era o campeão do mundo, do planeta, de todas as galáxias. Ela cantou, se alegrou, dançou e pulou embriagada por esse sentimento. E eu também me alegro em saber que houve, antes do silêncio... a canção.

Referências

- FILHO, Mário. *O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- _____ *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003
- GLANVILLE, Brian. *The story of the World Cup*. Londres: Faber&Faber, 2001
- MORAES NETO, Geneton. *Dossiê 50*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000
- MOURA, Gisella de Araújo. *O rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- NASSER, David. “Em ritmo de samba”, *O Cruzeiro* (40), 22 de julho de 1950.
- PEDIAPRESS, *A História das Copas do Mundo (1930-2010)*. Mainz: PediaPress, 2010
- PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre: L & PM. (edição revista e ampliada), 2000.
- REGO, José Lins do. “A derrota”, *Jornal dos Sports*, 18 de julho de 1950
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____ *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994
- SEVERIANO, Jairo. *Yes, nós temos Braguinha*. Rio de Janeiro: Funarte, 1987.
- SOTER, Ivan. *Enciclopédia da Seleção: as Seleções Brasileiras de futebol, 1914-2002*, Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002
- WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008
- ZIZINHO, *Zizinho: o mestre Ziza*. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Esporte e Lazer, 1985.